

Palestra do Guia Pathwork® nº 170
Palestra Não Editada
31 de janeiro de 1969

O MEDO VERSUS O ANSEIO PELA BEM-AVENTURANÇA

Saudações a todos os amigos aqui presentes, sejam abençoados. As bênçãos resultam da força e do amor que são gerados pela busca da verdade e pela reunião com outras pessoas para essa finalidade, com a mente e o coração abertos. Dessa maneira, os poderes universais conseguem atingi-los e trabalhar com vocês para que um dia possam aparecer os frutos.

A palestra de hoje aborda o tema do medo que os homens têm do contentamento. É claro, meus amigos, que já discutimos essa questão sob vários aspectos. Mas como vocês, que fazem esse trabalho de autoconhecimento, olham para camadas mais profundas e descobrem mais do que anteriormente era obscuro, torna-se necessário entender melhor esse tema. Todo ser humano, nascido neste lugar, nesta esfera de consciência, tem, em algum grau, esse medo aparentemente absurdo. E ele realmente não faz sentido. Mas existe, mesmo assim. Ao mesmo tempo, como eu já disse muitas vezes, o homem tem um anseio inerente pelo que lhe pertence por direito, que é o estado de supremo contentamento, de suprema alegria, incapaz de ser descrito na linguagem humana.

Por mais infeliz que esteja, alguma coisa no homem sabe e se lembra de que esse não é o modo natural de ser. De fato, se não houvesse esse conhecimento interior, ele poderia aceitar o estado de frustração e carência com muito menos tensão e perturbação. Pois a própria natureza da infelicidade é a frustração – a falta de algo que deveria estar presente. E a própria natureza da frustração é não estar de posse de algo que não é aquilo que a pessoa tem no momento. Portanto, cada infelicidade contém implicitamente a promessa ou o conhecimento do estado oposto. Assim, a humanidade é ambivalente, em primeiro lugar, com relação à maneira básica de viver a vida. Todas as outras ambivalências tem aí sua origem – o desejo e o medo do contentamento, da felicidade, da alegria, do prazer supremo. No caso de alguns seres humanos, o medo é muito menor que o desejo. Essas são pessoas relativamente preenchidas, cuja vida é rica, cujo estado de ser é alegre, cuja capacidade de sentir e experimentar o prazer é profunda, cuja atitude perante a vida é de confiança, otimismo e expansão. Para essas pessoas, seria comparativamente fácil trabalhar e superar os demais bloqueios, defesas e medos que impedem a continuidade da evolução para o estado de ventura. Muitos seres humanos, no entanto, têm mais medo do que desejo de felicidade. Essas são pessoas essencialmente infelizes, que vêem a vida passar por elas, uma vida sem sentido, vazia, superficial, um desperdício, algo que de alguma forma elas perdem. Sua capacidade de experimentar e sentir prazer é muito limitada; elas estão entorpecidas, sem vida, apáticas. São essencialmente desconfiadas, negativas, fechadas à vida. A resistência que têm em procurar em si mesmos, a causa de seu sofrimento, é grande, como também são grandes suas defesas, seus bloqueios, seu medo de evoluir para um estado diferente de consciência e percepção da vida. Elas se agarram tenazmente ao estado de consciência que é o responsável por suas queixas contra a vida. Essa é sua principal dificuldade. Essas pessoas são a maioria. Finalmente, há muitas pessoas nas quais o desejo e o medo da felicidade se dividem de maneira mais ou menos igual. Em algumas áreas da vida, essas pessoas conhecem a abundância, a expansão, a recompensa, o sucesso e a realização, porém em outras elas conhecem o oposto. Quanto

mais profunda e honestamente elas investigarem, mais vai ficar visível que – exatamente como numa equação matemática – onde elas são felizes, livres, sem medo, existe realização, e onde elas têm medo do que há de melhor na vida, há insatisfação. É claro que, superficialmente, ninguém desconhece totalmente o fato de temer aquilo que mais deseja. Quanto mais distanciado está o objeto do desejo, tanto mais fácil é deixar de ver o medo que ele provoca. Mas quando ele se aproxima e o homem verdadeiramente questiona suas reações mais profundas, ele descobre um movimento interior que se fecha, que foge. Isso pode ser tão sutil que só é revelado com um exame atento.

Sei que é extremamente difícil entender e sentir esse medo daquilo que mais se deseja, o estado de vida mais ansiado para uma pessoa que, no entanto, ainda não conhece profundamente a natureza do inconsciente humano. Para ela, isso soa efetivamente absurdo, e a princípio talvez ponha essa ideia totalmente de lado. No entanto, afirmo que, se vocês se aprofundarem o suficiente e investigarem com honestidade e abertura as suas reações mais sutis à realização, ao prazer, à expansão, a qualquer coisa que envolva o menor risco, vocês não terão confiança para prosseguir, e vão recuar, preferindo permanecer na segurança aparentemente maior da vida cinzenta. Uma vez que vocês constatarem isso, terão dado um enorme passo na direção da identidade e da liberação. Pois, nesse momento, vocês terão uma incrível percepção da realidade da vida – que suas atitudes, seus pensamentos e emoções ocultos, e nada mais, criam o destino e o estado da existência. Essa descoberta exerce um efeito revolucionário sobre a pessoa. Não saber disso torna a tensão e o sofrimento infinitamente maiores. Não sabendo isso, a pessoa sente-se vítima do acaso, o que aumenta o medo, a insegurança e a desconfiança contra aquilo de que a pessoa acha que precisa defender-se, e dessa maneira fica ainda mais afastada do centro da verdade interior e da realidade. Ela começa a deslocar e a projetar as causas no mundo exterior, o que provoca um alívio cada vez menor. Por mais verdadeiras que sejam algumas das culpas que ela joga nos outros, isso nunca elimina o sofrimento. Por mais que ela consiga fazer os outros se dobrarem à sua vontade, isso nunca elimina a carência, o vazio, a monotonia que causam sofrimento. Enquanto vocês estiverem distanciados da causa, dentro de vocês, que faz com que se fechem para aquilo que conscientemente mais desejam e cuja falta provoca o maior sofrimento, fatalmente vocês acharão que a vida é fútil. Fatalmente vocês se sentirão impotentes e incapazes de fazer o que é preciso para acabar com a dor da não realização. Fatalmente vocês vão oscilar entre auto piedade e amargura, entre projeção nos outros e na vida dos seus infortúnios, por um lado, e por outro lado, sentimento de culpa distorcida e de não merecer o que a vida tem de melhor. O conhecimento e a experiência da sua própria rejeição ao prazer é o início da eliminação desse bloqueio. No entanto, o homem invariavelmente luta contra essa verdade com todas as suas forças. Parece que ele prefere continuar dependente das circunstâncias exteriores, embora a aceitação dessa grande verdade de sua completa liberdade pessoal seja a mais jubilosa de todas as descobertas ao longo do caminho, desde que seja realmente vista, aceita e entendida em todo o seu impacto. Nesse momento, a pessoa de fato vê que essa é a única saída. A bela realidade dessa independência não pode ser transmitida para quem ainda a está combatendo.

Muitas vezes, quando o homem sente que, de alguma forma, a vida tem mais a oferecer do que o que ele experimenta, ele afasta esses pensamentos e adota uma filosofia de vida cética e resignada. Mas vocês, meus amigos, que estão aqui, fatalmente sentem, de alguma forma, que podem extrair mais da vida do que fazem. Portanto eu lhes digo, o primeiro passo é investigar por que vocês dizem não. Quanto mais tensa, mais compulsiva, mais premente, mais impaciente for o esforço exterior pela realização, tanto mais certos vocês podem ficar que, por trás disso, existe um não tão rígido quando o sim urgente da superfície. O impulso superficial atrapalha tanto quanto o interior, porque é formado por medo e desconfiança, engendrados pelo conhecimento inconsciente de que,

por dentro, o sim é bloqueado. No entanto, quero deixar claro que a falta de premência e tensão pela realização não implica a ausência de um bloqueio inconsciente. Pode implicar apenas uma estrutura de personalidade diferente; pode significar que a pessoa desistiu. Quando existe um impulso doloroso, ansioso, ele só se distende quando vocês constatarem o seu não específico, pessoal, àquilo que mais desejam.

Preciso voltar mais uma vez à dificuldade da personalidade que ainda ignora sua própria negação de seus desejos. Falei anteriormente da impotência. Falei dos atritos e restrições quando a culpa pela carência é projetada nas circunstâncias exteriores ou em outras pessoas, nos profundos emaranhados e confusões que isso cria. Agora quero enfatizar especialmente a dependência que isso gera. Se vocês ignorarem suas obstruções interiores e acreditarem que os outros ou o destino são a causa, não poderão escapar do estado de tensão e medo com relação aos outros e à vida. Isso suscita uma série de perturbações e distorções, tão numerosas que é impossível investigá-las agora. Se vocês concatenarem isso com praticamente tudo que eu já disse sobre problemas e situações do homem e a dinâmica da alma, vão ver que o fator determinante é a consciência das próprias obstruções. Vocês entenderão o verdadeiro significado da responsabilidade por si mesmo.

Nada que foi dito acima é totalmente novo para os amigos que vem aqui regularmente. Mas era necessária uma breve recapitulação para associar esses fatos com o entendimento mais profundo que quero proporcionar agora. Vamos procurar lançar um pouco mais de luz sobre essa importantíssima pergunta: porque o homem diz esse misterioso não à satisfação de seus mais profundos desejos, ao anseio pelo mais intenso contentamento imaginável? O que faz a felicidade aparentemente perigosa ou indesejável?

Na medida em que uma pessoa rejeita a si mesma, nessa mesma medida ela não consegue suportar a felicidade, não consegue ter sentimentos duradouros de alegria, contentamento ou prazer. Os motivos fundamentais da autorrejeição são basicamente dois. Toda autorrejeição se enquadra necessariamente em uma dessas categorias ou numa combinação delas. A primeira é a seguinte. Como vocês já sabem, existe em vocês um mecanismo muito preciso que, a despeito das suas racionalizações conscientes ou esquemas de autoengano, sabe, com a sabedoria interior, exatamente em que aspecto vocês violam as leis universais, trapaceiam na vida e talvez procuram obter mais do que querem dar – em que aspectos jogam esses joguinhos ocultos de engano, de dramatização e fingimento com os outros e consigo mesmos; em que aspectos não ousam ser o verdadeiro eu que são agora; em que aspectos não amam mas fingem amar, por seus próprios motivos ulteriores. A chave do universo é o amor real, não o amor que amarra o outro, que tantas vezes vocês oferecem. O amor real, autêntico, liberta e consegue aceitar um não como resposta. O falso amor é como um laço que quer dominar e prender. Parece fácil fingir que o segundo é o primeiro, porém não é possível enganar o eu interior. Onde existe falta de generosidade nos seus sentimentos? Onde vocês postulam leis e regras de conduta diferentes das que aplicam a si mesmos? Todas essas violações são constantes, inevitáveis e desconhecidas da mente consciente, pois vocês dão um jeito de esconder essa verdade, que é a mais grave de todas as violações. Os fingimentos são muito piores que as violações primárias. Os fingimentos negam e falsificam. Tornam-se, assim, uma violação dupla, que inevitavelmente resulta no mais doloroso de todos os estados mentais e emocionais – estar entre a cruz e a caldeirinha, de onde parece não existir saída até essa dupla violação ser descoberta e abandonada. Vamos dizer que uma pessoa é egoísta, ou tem um traço de crueldade, ou sente ódio. Se ela fingir que o egoísmo é uma versão sábia da autoafirmação ou se o racionalizar, se sentir apenas em segredo a crueldade e o ódio, manifestando-os indiretamente sob uma fachada que indica o oposto, essa pes-

soa, além de cometer essas violações, torna-se também hipócrita. Talvez a hipocrisia não seja flagrante, não apareça na superfície, mas a sutileza não altera sua essência. Se, por outro lado, a pessoa admite para si mesma, com coragem e honestidade, o que se passa em seu íntimo, e encara os fatos como são, a violação já foi superada em medida considerável. Pois, ao aceitar a verdade sobre si mesma, ela entra num clima geral de verdade. Ela está numa plataforma onde existe a possibilidade de deixar de cometer aquela violação específica. Mas mesmo enquanto ela luta, procura entender mais e melhor, é preciso meditar para obter orientação e ajuda, para que os sentimentos mudem espontaneamente. A pessoa que age assim está de acordo com as leis universais. Ela aceita seu estado atual e cria condições interiores compatíveis com o contentamento. Se ela é honesta a ponto de dizer “não consigo evitar esse sentimento, embora saiba que não gosto dele e que ele é destrutivo”, nesse momento, além de ser verdadeira, ela dá espaço para a mudança.

Qualquer coisa que seja contrária às leis do amor e da verdade deixam o organismo despreparado para aguentar a poderosa energia da felicidade. Pois a felicidade é, efetivamente, uma poderosa energia. Ela exige mais força do que a infelicidade. Essa força pode ser conseguida por todos os que encaram a verdade e se desvencilham das ilusões sobre o eu e a vida. Vou voltar a esse tópico mais tarde.

A segunda razão da autorrejeição é uma violação imaginária, de acordo com padrões de perfeição ilusórios. Como vocês sabem, os ideais perfeccionistas são extremamente exigentes, rígidos, rigorosos. A obediência a eles não deriva de um excesso de moralidade, mas implica uma violação das leis universais reais. Pois o motivo é sempre o orgulho, a vaidade, a necessidade de controlar os outros, o fingimento, viver para manter as aparências e causar uma determinada impressão e, finalmente mas não menos importante, medo de defender as próprias ideias, sentimentos e opiniões – em resumo, não viver o eu com autenticidade, pois a pessoa nessas condições é ávida por admiração e aprovação dos outros. Não preciso entrar em muitos detalhes sobre esse assunto, porque já falamos bastante dele no passado. Basta agora dizer que sempre que vocês não aceitam sua humanidade, suas limitações atuais, vocês violam uma lei universal. Ao fazê-lo, as “condições climáticas” da psique, se posso me expressar assim, são incompatíveis com o estado de contentamento que vocês desejam.

Tudo isso pode parecer muito simples, mas não é nem muito simples nem muito fácil, como pode parecer. Para o eu oculto, a rejeição e suas razões ocultas são muito obscuras no início de um caminho como o nosso. Normalmente as pessoas só têm consciência do que fingem ser, fingem para si mesmas. Se elas não conseguem suportar determinadas emoções, que estão fechadas, elas acreditam realmente que tudo o que sentem e sabem sobre si mesmas é tudo que são. Portanto, não é fácil nem rápido descobrir como vocês de fato funcionam. Isso requer uma nova ênfase em uma nova direção, uma nova sintonia e uma nova percepção das suas reações emocionais, nas quais vocês estavam tão acostumados a não reparar. A consciência das violações das leis universais também revela, proporcionalmente, a consciência da rejeição da felicidade.

Portanto, meu conselho para todos vocês (quer estejam neste caminho em seu início, ou talvez ainda nem tenham começado, ou já tenham feito avanços substanciais no autoconhecimento), na medida em que sentirem que ainda está faltando alguma coisa na sua vida, ou quando sentirem vagamente que poderiam ter mais sentimentos, experimentar com mais intensidade, é prosseguirem especificamente na direção apontada nesta palestra. Descubram o que não aceitam em si mesmos, do que não gostam, para que aspectos fechem os olhos. Descubram a reação obscura, oculta e no

entanto presente que afasta o prazer. Cultivem a disposição intencional de enxergar o que quer que seja que ainda não conseguem ver. E vocês vão ver, passo a passo ao descobrirem as áreas das quais se afastam, que à medida que deixarem de fazer isso, vão ter melhores condições de sustentar felicidade, de “aguentar” os sentimentos de felicidade. Vocês vão desenvolver essa percepção muito apurada, que permite primeiro observar a si mesmos em todos os sutis movimentos da alma, e depois, quando alguma coisa boa vem em sua direção, a atitude interior de fuga. Quando descobrirem isso, vai diminuir a raiva com que culpam os outros, as circunstâncias, as pessoas, a própria vida. E isso já vai dissipar a atmosfera envenenada da sua psique, que é totalmente alheia e incompatível com o contentamento que, por direito, é de vocês. Portanto, aceitar a verdade sobre si mesmo e aceitar a felicidade são uma só e a mesma coisa. Essas duas “aceitações” são intercambiáveis, interativas e interdependentes. Como terceiro ponto, formando uma tríade, é que parte desse núcleo interativo é a percepção da poderosa substância criativa que molda a vida de vocês como nada mais o faz. Não existe nada aleatório na vida. Não existe um poder externo que determina o grau da satisfação de vocês, o grau da experiência de vida frutífera ou da dor, do sofrimento, da frustração que vocês precisam aguentar. Não é nem mesmo necessariamente um caso de autopunição, como se interpreta atualmente. A violação da lei espiritual no organismo psíquico simplesmente cria um ambiente mal equipado para “sustentar” sentimentos de contentamento e alegria. Além disso, ignorar a verdade, esquecer-se do que vocês são e fazem e as ramificações das suas atitudes, do fato de que vocês não têm consciência do poder de que dispõem, que está contido no simples processo de pensar e sentir, toda essa ignorância cria um entrave. Por exemplo, se não acreditarem que é possível ser verdadeiramente feliz, isso se torna de fato impossível. Assim, esse problema precisa ser solucionado, cultivando esse conhecimento interior. E isso, por sua vez, só é viável quando a pessoa perde o medo da responsabilidade por si mesma e encara toda a verdade sobre quem ela é naquele momento.

Toda verdade sobre si mesmo e a natureza da criação resulta em segurança interior, confiança, destemor. A ignorância gera o medo. O medo cria uma atmosfera interior de fechamento, e a mente não usa a poderosa substância para gerar mais expansão, e sim para reforçar ainda mais as defesas.

O contentamento é uma necessidade, pois o contentamento é expansão. Ninguém pode expandir-se e utilizar seus potenciais inerentes se não estiver em estado de alegria. A expansão e o contentamento pertencem a um grupo, e a estagnação e a frustração pertencem a outro. A expansão é o processo autoativador que combina os princípios masculino e feminino em perfeita harmonia. Se houver medo do contentamento, e portanto da expansão, também haverá medo do crescimento e da mudança. Assim, haverá medo dos poderes inerentes ao homem.

Falei em outra ocasião recente que o contentamento, o prazer, a satisfação exigem a maior de todas as forças. A infelicidade requer muito menos força que a felicidade. Essa força só pode ser gerada se os poderes divinos do eu foram ativados, estimulados, de maneira efetiva, intencional e concisa, convocados para ajudar a pessoa na situação de contentamento de modo a dar-lhe melhores condições de manter essa sensação, para guiá-la especificamente para que a pessoa, sem querer, inconscientemente, por força de mecanismos profundamente arraigados, não se feche contra a felicidade. Essa prece é muito necessária, pelo menos tanto quanto procurar entrar em contato com os poderes divinos quando vocês estão passando por uma situação de tumulto e crise. Quando estiverem infelizes, é importante tirar uma lição significativa dessa ocasião, para propiciar novo crescimento. Isso exige contato com as forças superiores inatas. Quando estiverem felizes, é importante se tornarem compatíveis com os poderes universais e manter esse estado. Isso também requer ajuda e orientação. A princípio, o homem acha particularmente difícil até pensar nessa maravilhosa oportu-

nidade de ser ajudado, fortalecido e inspirado pelo contato através da meditação. Talvez ele já tenha comprovado sua eficácia, suas respostas infalíveis, sua inimaginável sabedoria, suas diversas soluções. No entanto, quando envolvido em conflitos profundos, ele simplesmente “esquece”. Mas depois chega um momento em que já não é difícil lembrar-se de utilizar esse contato, o que o homem faz com mais facilidade nessas ocasiões difíceis. Mas raramente ocorre ao homem recorrer a esses mesmos poderes repetidas vezes em todas as oportunidades pertinentes, convocar esses mesmos poderes interiores para a atividade de expansão que ocorre dentro dele. Para muitos de vocês, meus amigos, que já atingiram esse limiar, essa é verdadeiramente a chave.

Agora, antes de passar para as perguntas, eu gostaria de começar outro tema diretamente relacionado com o que eu disse anteriormente, e ao qual vamos dedicar muito mais tempo no futuro. É o seguinte. Todo ser humano tem, em seu organismo psíquico e físico, determinados centros de energia. Falei sobre isso de passagem em outras ocasiões, sem entrar em detalhes. Chega um momento em que é absolutamente necessário, no caminho do autoconhecimento, tomar ciência desses centros de energia. Eles estão localizados em várias áreas do corpo, correspondendo a áreas do corpo. Não estão na realidade no corpo físico, mas no chamado corpo sutil, em áreas que correspondem às glândulas físicas. Embora o funcionamento do sistema glandular dependa diretamente desses centros, eles não são órgãos físicos que possam ser descobertos por raio X ou outras formas de investigação física. Eles têm realidade psíquica; sua realidade física só pode ser determinada pelo efeito que causa. Cada um desses centros de energia, localizados em diversas áreas do corpo, tem relação com atitudes mentais. Quando a atitude mental passa de ignorância, medo, distanciamento, desconfiança, hostilidade, para um estado de abertura, confiança, amorosidade, esses centros de energia se abrem. É uma experiência nítida no corpo porque a união entre corpo, mente e espírito, naquele momento, é muito estreita.

Portanto, a abordagem de vocês nessa etapa também precisa ser de união, abrangendo a personalidade total. Vocês vão aprender determinadas práticas que proporcionam o conhecimento de qual centro se abre em que ocasião, o que fazer a esse respeito e qual é a atitude mental correspondente. Isso vamos fazer mais adiante. O que estou dizendo agora é apenas um preâmbulo. É fácil ver que existe uma ligação entre o medo de prazer e os centros de energia. Pois se existe medo, esses centros ficam necessariamente contraídos e fechados, e a força vital não pode passar através deles. Quando vocês se abrem internamente para o prazer, a alegria, a felicidade em todos os níveis do ser, essa atitude aberta, descontraída de “deixar acontecer” acaba abrindo esses centros, se o grau de abertura for suficientemente grande. Além do trabalho geral de autoconhecimento, de encarar a verdade, de estabelecer contato com as forças universais, será necessário tomar clara consciência da existência desses centros, mediante determinadas práticas, e vir a conhecer o modo de ativá-los.

Alguém quer fazer perguntas com relação a esta palestra?

PERGUNTA: Você pode falar mais alguma coisa sobre os centros? Onde eles estão?

RESPOSTA: Existe um centro na base da espinha. Outro está na região do plexo solar. Existe um centro na parte frontal da garganta. Existe um na base da cabeça, entre a parte de trás do pescoço, mas um pouco mais acima – entre o pescoço e a base da cabeça. Existe um entre os olhos, e outro bem em cima da cabeça. Esses são os centros de energia básicos. Cada um tem relação com uma atitude mental. Cada centro determina determinados modos mentais e emocionais de ser. Cada um tem sua função. A base do centro da espinha representa todos os sentimentos físicos, emocio-

nais – sexualidade, amor conjugal, amor pessoal. O centro do plexo solar abre o caminho para a ligação e a unificação com a sabedoria espiritual, as verdades universais e os sentimentos de amor impessoal relacionados a essa experiência. A abertura desse centro leva vocês à sede de todos os sentimentos, o que normalmente precede o contato com o divino, pelo menos em grau considerável. Por enquanto, só posso ir até aqui. Nem é preciso dizer que o que fiz agora foi o mais resumido de todos os resumos. Mais tarde, numa série de palestras, vamos falar muito mais sobre essa questão.

PERGUNTA: O trabalho físico vai ter relação com a abertura desses centros?

RESPOSTA: Sim. O trabalho físico tem muito a ver com isso, pois trata especificamente com os bloqueios do corpo. Enquanto existem bloqueios no corpo ou na psique ou na mentalidade, os centros não podem se abrir. Mas além disso, vamos fazer outras práticas mais tarde. Vejam, abrir esses centros é algo que só pode começar depois da obtenção de um certo grau de autoconhecimento, depois que determinadas resistências básicas, medos, bloqueios mentais, emocionais e físicos forem eliminados. Nesse momento, começa a nova abordagem. Antes disso, seria impossível. E se for feita uma tentativa por meios artificiais ou mecânicos, seria até perigoso. No entanto, é perfeitamente seguro abrir esses centros quando a personalidade está firmemente enraizada na realidade, no amor, num estado de ausência de medo e de defesas. É preciso atingir uma certa base de identidade para energizar o eu com toda a energia espiritual disponível. O trabalho físico é um dos aspectos do preparo. Mais tarde, quando abordarmos os centros de energia em si, além dos vários níveis de trabalho que estamos fazendo agora, vamos tratar de algumas novas abordagens, por exemplo, uma combinação de respiração e meditação.

PERGUNTA: Você pode se estender mais sobre os centros com relação ao movimento das energias? Eles carregam, descarregam?

RESPOSTA: Como eu já disse, vou me estender muito mais sobre esse tópico no futuro. Por enquanto vou dizer que, quando o ser humano tem total auto realização, esses centros podem funcionar porque o fluxo não é interrompido. Carregar e descarregar requer um movimento interior constante, perpétuo, assim como tudo o mais na criação está sujeito a esses mesmos movimentos e leis. Isso cria um sentimento tão imenso de contentamento que não pode ser descrito. É o prazer mais intenso em todos os níveis – físico, emocional, intelectual, espiritual. A maioria dos seres humanos efetivamente nunca é carregada por esses centros, e se for, é apenas superficialmente, em grau muito pequeno, em situações muito excepcionais da vida. Normalmente os centros estão contraídos, e portanto fechados. Todos os equívocos, medos, negatividades, criam essa contração. Cabe a cada entidade encarnada descobrir a verdade dessas leis e aplicá-las ao eu. Quando cessa a mentira sobre o eu, instala-se uma descontração de uma espécie muito mais profunda, no sentido que em geral se dá a esse termo; ocorre um fluxo, sobrevém um estado de ausência de defesas, que faz com que a personalidade seja “carregada”, se pudermos falar assim. Outra maneira de tentar transmitir fatos quase impossíveis de transmitir é o seguinte. Imaginem a personalidade consciente, funcional, como um centro geral, como um planeta. Imaginem agora o eu espiritual universal como outro centro, sem tempo, sem espaço, o centro de tudo que jamais viveu e que viverá – um planeta ainda maior, tão imenso que esse centro é o mesmo de tudo e de todos. Uma entidade com autoconhecimento total é totalmente “paralela” ao centro espiritual, ao qual está exposta e que orbita. Ele está sempre em seu campo de visão e influência. Os movimentos de ambos são completamente coordenados. Mas a maioria dos seres humanos passa quase todo o tempo “fora do centro”, isto é, o “planeta” de sua personalidade não está exposto, não está no campo de visão do centro espiritual. As ve-

zes, o primeiro se aproxima um pouco desse campo de visão, pois o segundo está em movimento constante. Às vezes, o centro da personalidade se aproxima, outras vezes se distancia desse campo. Disso depende a força, a verdade, os sentimentos de amor, a vivacidade – ou sua falta. Tudo isso depende, mais uma vez, da autoaceitação, da autenticidade, das atitudes positivas – em suma, de tudo que vocês me ouvem falar tantas vezes. Quanto mais vocês se sintonizam com o centro vital universal, com consciência, confiança e amor, tanto mais ocorre essa convergência. A auto realização total faz das duas coisas uma só. O centro da personalidade, a princípio, é totalmente paralelo, coberto, carregado, avivado pelo espiritual, até mergulhar totalmente nele. Isso não é o aniquilamento do eu, como muitos erradamente acreditam. Pois toda vida está, de fato, no centro espiritual que dá vida ao resto. A morte significa uma separação desse centro, de modo que sua luz já não brilha sobre a personalidade nem a enche de sua energia.

Vou abençoá-los agora, cada um de vocês, com a grande força que tem sido cada vez mais gerada por muitos de vocês, que de fato avançaram muito. Rejubilem-se com o conhecimento de que a vida é intrinsecamente o fato mais benigno e alegre. Esse é um fato constante, imutável, inalterável, que nenhum grau de separação do centro espiritual pode negar. No fim das contas, fatalmente vocês chegarão a essa verdade. Sejam Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.